

## Conversa Teológica – Para Que Serve A Teologia?

### A Teologia Serve à Missão

Nas últimas décadas tem-se falado e escrito muito sobre a missão da igreja. Colocar o tema da missão da Igreja implica referir-se a um amplo corpo teológico. Significa abordar não só a eclesiologia, mas também o modo como entendemos Deus e seu propósito para o mundo.

*“Estamos de acordo em que a missão surge da dádiva e do amor do Deus Trino, e de seu propósito eterno para toda a criação. Sua meta é o reino do Pai, um reino teocêntrico manifestado pela edificação do corpo de Cristo e cultivado na comunhão do Espírito. Com base na primeira vinda de Cristo e no derramamento do Espírito Santo, a missão cristã tem uma dimensão escatológica: Convida os homens e mulheres a entrar no reino de Deus por meio de Cristo, o Filho, pela obra e a regeneração do Espírito.”*

Uma das questões teológicas que surge quando tratamos da missão é determinar se ela consiste somente na evangelização ou se esta tarefa é uma parte da missão mas não sua totalidade. Em outros termos: Em que consiste a missão da igreja? A missão resume-se à evangelização? Se entendermos a missão a partir do modelo de Jesus de Nazaré, a resposta talvez fique mais fácil. Uma leitura honesta dos evangelhos deixa evidente que a missão de Jesus estava centrada na proclamação do evangelho, mas não se reduzia a uma simples mensagem. A missão de Jesus consistiu em: evangelizar, batizar, ensinar, curar, libertar, alimentar, ajudar. Apesar de deixar claro que missão da igreja não consiste apenas na evangelização.

Tem-se visto com muita frequência nas igrejas evangélicas uma dicotomia entre evangelização e teologia. Mas chegou a hora de nos darmos conta de que essa dicotomia é insustentável. Conforme Padilha:

*“Será que pode haver uma evangelização realmente bíblica – uma apresentação de todo o conselho de Deus – sem reflexão teológica que busque a compreensão da pertinência do evangelho à totalidade da vida humana em um contexto histórico definido?”*

Contrapor evangelização e teologia é um empreendimento absurdo, porque, quando se trata de evangelizar, surgem inevitavelmente perguntas como: O que significa “evangelho”? Qual é o caráter do Deus do evangelho? De que maneira entendemos o ser humano como receptor do evangelho? O que é salvação? O que entendemos por pecado? E as respostas a essas perguntas – e a muitas outras – nos põe frente com determinada antropologia, cristologia e soteriologia.

Todo aquele que evangeliza reflete certos postulados teológicos, esteja disso consciente ou não. Quando alguém afirma: *“A salvação não se perde”*, está revelando determinada concepção soteriológica que tem atrás de si séculos de discussão e que não se explica em poucos minutos, apelando a alguns textos bíblicos.

Quando alguém diz: *“Venha a Cristo e todos os seus problemas ser resolverão”*; *“você terá vida eterna e prosperidade material garantida”*, está apresentando determinada concepção de salvação.

Teologia não é apelar a meros textos de prova, mas implica reflexão. Qual sua opinião da atual relação entre evangelização e teologia?

Parece-nos que há um divórcio entre evangelização e teologia e “teólogos” e “evangelistas”. Constatamos também que boa parte da educação teológica não está orientada para a evangelização.

## A Teologia Serve à Apologética

A tarefa dos primeiros cristãos consistiu em **“apresentar defesa”** (em grego apologia) da fé e da razão da esperança (I Pe 3.15). Os cristãos tiveram de apresentar sua defesa contra o gnosticismo, as religiões de mistério e o paganismo. Com referência à tarefa apologética dos apóstolos, Bruce disse:

*“A defesa do evangelho naquela etapa consistiu na defesa das afirmações de Jesus de que ele era o Messias – pretensão rejeitada rapidamente pelos principais sacerdotes e anciãos do povo judeu, mas confirmada pela ação de Deus, como os apóstolos puderam testemunhar a partir da sua própria experiência.”*

As primeiras teologias da era sub-apostólica foram precisamente apologias, e cabe citar, entre outras, as obras de Orígenes, Justino Mártir, Tertuliano e Atenágoras.

A função apologética da teologia cristã não tem sido reconhecida unanimemente pelos teólogos contemporâneos. Um dos pensadores modernos que tem reivindicado essa função foi Paul Tillich, ao afirmar que:

*“A teologia apologética é uma **“teologia que responde”**. Responde às perguntas implícitas na situação, com a força da mensagem eterna e com os meios que a situação lhe proporciona e a cujas perguntas responde.”*

Tillich atribui o descrédito em que caiu a apologética aos métodos empregados para defender o cristianismo dos ataques do humanismo e do naturalismo modernos. Para Tillich, uma teologia meramente querigmática, isto é, que somente se preocupa em transmitir a mensagem de Deus ao ser humano, é insuficiente. Ela necessita de uma teologia apologética porque, do contrário, somente tenta lançar a mensagem, “como uma pedra, aos que se encontram na situação.” Por isso Tillich propõe o seu método da correlação.

No século XXI, o mundo continua nos interrogando. Proliferam as heresias mais estrambólicas e as ideologias que exigem respostas amplas e coerentes. Nesse sentido, a teologia vem em auxílio do cristão em sua tarefa de enfrentar um panorama difícil de solucionar. Como podemos dar resposta da razão da nossa fé se não a conhecemos completamente e se não somos capazes de elaborar uma resposta apropriada? Será que serão suficientes as histórias e experiências- por mais válidas ou importantes que tenham sido – na hora de responder aos que criticam a fé cristã? Seremos capazes de elaborar uma teologia apologética que leve a sério o mundo da cultura na qual estamos inseridos?

## A Teologia Serve à Ética

Os problemas de moral tem piorado muito nas últimas décadas. A teologia prática, derivada do estudo da Bíblia e da teologia sistemática, dá ao cristão uma bagagem de conhecimentos que lhe permitem assumir determinada posição em relação a problemas como o aborto, a eutanásia e o controle de natalidade. Volto a citar Barth, que destaca a importância da ética:

*“A teologia não é apenas exegese, história eclesial, dogmática, mas sempre também ética. Ela é a elaboração de determinada concepção do mandamento divino implícito na promessa divina, da atuação na igreja e no mundo que resulta da obediência da fé, da tarefa prática que é atribuída ao ser humano junco com o dom da liberdade.”*

A relação entre teologia e ética é tão estreita que Tillich não vacila em afirmar que “*a ética teológica é um elemento da teologia sistemática que está presente em cada uma das partes desta*”.

Em outra obra referi-me extensamente aos vínculos entre teologia e ética. Permita-me sintetizar esse material aqui, dizendo que a quase a totalidade dos temas teológicos se relacionam de forma direta ou indireta com a ética, principalmente as doutrinas de Deus, do ser humano, da salvação e da escatologia. Dito em outros termos, nosso modo de entender Deus como santo, nossa concepção do ser humano como portador da imagem de Deus, nosso conceito da salvação por graça e por fé, e, finalmente, o chamado “motivo escatológico” constituem os pilares teológicos sobre os quais se erige nossa ética cristã. Eles são determinantes para ter uma concepção coerente e abrangente do mandamento de Deus.

Estou certo de que a ética é um terreno onde não há respostas fáceis. No entanto, a teologia é a única ferramenta que pode nos fornecer respostas, ainda que provisórias. Não há como escapar disso porque, como afirma René Padilha:

*A teologia cumpre seu propósito enquanto leva a sério os desafios que o mundo contemporâneo levanta para a fé cristã. A resposta às interrogações do ser humano hoje não pode restringir-se a apelar à experiência cristã, mas tem de dar razão da esperança que tem os seguidores de Jesus Cristo.”*

## **A Teologia Serve ao Trabalho Pastoral**

O trabalho pastoral tem ficado mais complicado hoje em dia. O tipo de sociedade em que a igreja está imersa demanda um preparo cada vez mais amplo. A tarefa pastoral é múltipla e complexa porque abrange administração, aconselhamento, liderança, ensino. Sem desmerecer a importância dessas facetas, queremos referir-nos à pregação como função chave do trabalho do pastor. Para uma pregação eficiente, além da necessidade indiscutível de direção e do poder do Espírito, o pastor precisa conhecer a Bíblia, hermenêutica, homilética, comunicação e, é claro teologia. Anders Ruuth tem-se concentrado em destacar a importância da teologia na vida e no ministério do pastor, assinalando acertadamente:

*“Não é o estudo em si o que transforma um pregador em um bom pregador, do mesmo modo como a honra de ser doutor em teologia não garante em absoluto a condição de profeta. Mas o estudo confere ao pregador os conhecimentos formais necessários para exercer seu ofício de pregador, assim como o artesão e o profissional tem de aprender as técnicas e práticas próprias de suas profissões. Todo mundo tem respeito por uma pessoa que é capaz em seu ofício. Assim também o ministro deve fazer-se respeitar pelos conhecimentos que possui.”*

É evidente que o respeito não se conquista com títulos e diplomas colocados em quadros e pendurados nas paredes do escritório do pastor. São muitos os fatores que contribuem para que se ganhe o respeito e a reputação dos outros. Todavia, o ministro que se preocupa em estudar solidamente as Escrituras dará um passo decisivo para que a congregação o respeite como servo de Deus. É claro que, hoje em dia, na cultura pós-moderna, nos deparamos com outras formas de legitimação pastoral que privilegiam a ação, o carisma, o crescimento numérico, o poder e os milagres, em detrimento do estudo e do preparo teológico. A isso respondemos:

Em primeiro lugar, não devemos necessariamente opor os fatores mencionados ao preparo acadêmico. O conhecimento não se opõe à atuação do Espírito Santo, como se fosse uma

espécie de teorema enunciado nestes termos: *“a atuação do Espírito Santo é diretamente proporcional à ignorância do servo de Deus.”*

Em segundo, o pastor que não se preocupa com seu preparo bíblico e teológico condena sua igreja ao infantilismo e raquitismo espirituais e, com frequência, acaba tornando-se um pastor monotemático que, como tal, desenvolve todos os seus discursos ao redor do seu tema favorito. Um pastor monotemático está longe de apresentar *“todo o conselho de Deus”* à sua congregação.

Em terceiro, todo pastor utiliza a teologia de forma consciente ou inconsciente, coerente ou incoerente. Quando vai ao púlpito, seu discurso é, em essência, um discurso teológico que fala de Deus, Jesus Cristo, da salvação, da vida eterna. No ato da pregação, o pastor não pode evitar lançar mão da teologia, quer a tenha estudado devidamente ou não, quer tenha elaborado pacientemente ou a tenha comprado pronta. Muitos que no entusiasmo carismático, pensam poder prescindir da teologia, que não necessitam dela. Contudo, pelo pouco que os tenhamos escutado, notaremos facilmente como recorrem a pontos que são próprios da teologia bíblica e sistemática. A estes cabe a crítica que fez Karl Barth, um grande teólogo do século XX que nunca deixou de ser pastor:

*“Igualmente grave é o fato de que não poucos pastores, depois de seus anos de estudo, e logo depois de se terem adaptado a uma rotina de serviço na prática, parecem aderir à opinião de que a teologia é um assunto encerrado, que podem deixar para trás como a mariposa deixa a crisálida. Isso é inadmissível!”*

Texto extraído do Livro: Para que Serve a Teologia? De Alberto Fernando Roldán, editora Descoberta.